

GRÁFICA SANTELMO, LDA.

NOME **TEMPO**
E O MODO
N.º **3242** **PRIMEIRAS PROVAS**
ENVIADAS EM **1 16 66**
RECEBIDAS EM **1 1**

129
CENSURA
N.º **38139**

Provas enviadas à Censura em
..6.. de6..... de 195.6

Ref 516

*Como raptar um monsenhor...
Teoria geral e aplicações práticas*

A Itália deixou de ser um país feito de sargentos, equilibrado em monsenhores, paraíso de juristas e de «old girls» n areforma. Quem quiser saber do ferro, ou da crise política italiana, consulte os manuais da especialidade, algo difíceis de arranjar e divulgar. Mas para o rapto de Monsenhor consulte o diário de notícias. E chega.

Fica-se a saber que Monsenhor tem duas irmãs ainda não menopáusicas, e um pai aflito algures em Espanha. A sua profissão, como o nome não indica, é dupla: diplomata celeste e diplomata terrestre. Tem a fisionomia típica do espanhol, olhos sonhadores, nariz arriba franco, boca eclesiástica e uma testa com o seu quê de manuelino. Alguns cabelos cobrem-lhe o dolicocefalo crânio. A sua altura não vem no jornal, mas presume-se que, tal como o peso, deve ser aceitável. O seu bilhete de identidade assinala Espanha como sítio provável da sua nacionalidade. E chama-se Ussia.

O bonapartismo eclesiástico já deu o que tinha a dar, por isso as hierarquias aguardaram os acontecimentos, enquanto os raros saudosos das tiranias teocráticas elevaram protestos indignados contra Bakounine e Netchaev, presumíveis precursores do chamado partido anarquista espanhol.

Por outro lado o governo espanhol indignou-se com o rapto, executado, segundo alguns jornais hispânicos, em nome de uma Espanha que o govero espanhol não recohece. Há portanto vários critérios em relação à legítima Espanha. Qual é a verdadeira Espanha — a representada pelos chamados anarquistas ou a pelo governo espanhol. O problema nada tem de metafísico, pois já o governo espanhol afirmou que Espanha há só uma. Qual?

O rapto foi de antologia. Ultraclássico. Três homens sem nome, por uma estrada sem nome, num automóvel sem nome, transportaram para um sítio sem nome Monsenhor Ussia.

O governo espanhol pede à polícia italiana para dar um nome a cada um destes homens e lugares. A intuição eclesiástica de Monsenhor, não consegue desvendar nada. Monsenhor, depois de solto diz que o trataram bem. Ficou posta de parte a ideia de serem discolos, como tanta gente pensou no início. Também não foram Al Caponésitos, Maffiosos, pelintras nem paparazis. Como também se pensou. E visto que Monsenhor apareceu pôs-se de parte a hipótese duma crise de nostalgia da vida civil. E chamaram-lhes anarquistas, e se em calão isso quer dizer muita coisa, em linguagem científica só tem um significado: pré-revolucionários ou revolucionários a caminho da maturidade experimental.

Todo este processo revela a crise da ideologia pequeno-raptora, e outras crises mais, claro. É de lembrar o rapto de Fângio, muito mais eficiente, na altura exacta, uma perfeição de rapto, como diria um raptor na reforma. Mas em Espanha não há corredores de automóveis. E para se fazer um rapto como o de Fângio, tem de se ir até à Itália, raptar um Monsenhor.

Avanti em social-velocidade, foi o grito não ouvido dos raptores. Mas menos romantismo, mais eficiência, e não será preciso raptar mais ninguém.

M. C.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Provas enviadas à Censura em:

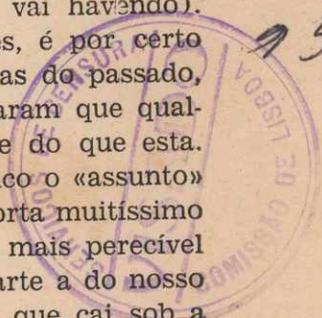
e Ref. 516 6 25 1936

3

sável, como nenhuma outra actividade do espírito, pela *imagem do homem e pela sua capacidade de criar* (isto é, não de glosar a «criação» que não houve, mas de acrescentar àquela que vai havendo). Esta responsabilidade, com menos garantias exteriores, é por certo mais pesada que qualquer outra — e os grandes artistas do passado, quando se individualizavam, nunca realmente consideraram que qualquer forma de responsabilidade fosse mais importante do que esta. É por isso que, na arte do passado, importa muito pouco o «assunto» que parece importar tanto e era o encomendado, e importa muitíssimo o pormenor, ou a estrutura em si. Os assuntos são o mais perecível da obra de arte: se, por eles, as julgássemos, só seria arte a do nosso tempo. Ora a adequação, ou a estrutura em si, são o que cai sob a alçada de uma crítica não-judicativa, ou de uma crítica como tal. Uma crítica que seja, antes de mais, metodologia. As visões sistemáticas devem reduzir-se àquilo que muitas vezes se esquece que elas são em ciência e em filosofia: *hipóteses de trabalho*, e nada mais.

Tudo isto deveria ser assim, segundo a situação actual do mundo e os progressos científicos e técnicos. Claro que, por hábitos, interesses e a correlata estupidez humana serem ainda um dos sintomas do domínio das falsas maiorias na vida social, isto não é assim. No entanto, ao estudarmos de correntes críticas actuais, errado seria considerarmos como crítica tudo o que se apresenta como tal, e descermos a níveis de inútil polémica com espúrias formas de crítica. O articulista que noticia nos jornais a publicação de obras que considera positivamente ou negativamente importantes, e aproveita a oportunidade para nos exhibir os seus gostos ou propagandear as suas opiniões (espécie lamentavelmente ainda sobreviva em Portugal), pode ser um crítico, mas não o será necessariamente por essa actividade pretensamente crítica. Se se contenta culturalmente com isso, e se faz os leitores crerem que crítica é isso, não só não é um crítico no exacto sentido da palavra, como é triste caricatura de uma das formas mais degradadas de crítica: a *crítica impressionista*. E não será menos impressionista como crítico se for um virtuoso propagandista de ideais políticos e sociais, e não um mero «esteta». Sem dúvida que, por vezes, pode ser muito curioso, e mesmo culturalmente muito estimulante, que um alto espírito nos dê as suas impressões e opiniões sobre uma obra de arte. Mas, infelizmente, ninguém se torna um grande espírito, só porque é uma criatura capaz de comunicar-nos as impressões que supõe ou que finge ter tido. Nem a cultura e a informação, ou a mais profunda e ampla erudição, defendem por si mesmas seja quem for do impressionismo. Muito pelo

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTE





nal. Mas o problema não existe, de facto. Um homem pode ser deste ou daquele partido, desta ou daquela filosofia, desta ou daquela religião — mas o mundo moderno igualmente nos ensinou que os partidos, as filosofias, e as religiões, não possuem sequer o exclusivo das suas ortodoxias, ou admitem, dentro de si mesmas, uma enorme gama complexa. De tudo há uma esquerda e uma direita, que mais não seja. Sendo assim, só escrevem segundo uma «ortodoxia» estrita aqueles que são incapazes de pensar e de viver por si mesmos aquilo mesmo a que aderiram. E não tem sentido que um romancista seja católico, se ele for pessoalmente católico, pois que precisamente então é que ele será um católico que escreve romances, isto é, um homem que põe nos seus romances a problemática que o inquieta. Mas não é essa problemática, e sim o modo como ele seja vista, o que condiciona a sua maneira de escrevê-los. Ou melhor: não digamos problemática, mas as vivências peculiares de um homem que acontece ser católico. Como crítico, esse homem fará crítica, e realmente só depois disso é que tem o direito de corrigir as suas conclusões, e publicamente deve fazê-la, avisando-nos do ponto em que os seus preconceitos judicativos entraram em acção. Se assim não fizer, estará desvirtuando o que certeza seja, e estará enganado os seus leitores. Não é diverso o que fazem, quando assim procedem, os críticos «políticos». Uma das maiores perfídias do que se chama correntemente crítica é a descarada parcialidade com que um apologeta ou um propagandista disfarça de virtude os seus juízos, abusando do boa fé dos leitores, ou explorando os seus baixos instintos (que em toda a gente é muito fácil concitar contra quem seja realmente respeitável).

Daqui se infere que a moralidade da crítica nada tem que ver senão com o comportamento moral do crítico e não das obras que ele critica. Qualquer crítico, clamando contra a imoralidade de uma obra, em função de determinados preconceitos, é sempre e necessariamente, muito mais imoral do que ela. A crítica não é, e não deve ser, uma polícia de costumes. Já há demasiadas polícias dessas e doutras neste mundo policialesco em que vivemos. A ética de um crítico, como a de um profissional de qualquer actividade não-literária ou não artística, consiste essencialmente em não fazer batota ao jogo. E sempre fará batota, quando não usar de critério adequados, ou ignorar aquilo de que está falando. Outros há cuja batota é mais sábia, como a dos jogadores profissionais que esfolam os incautos: são os que sabem todas as regras do jogo, conhecem bem todos os métodos ou o suficiente para fingirem que julgam em nome deles. Esta batota é a mais grave de todas, e hoje a mais difundida entre os pedantes, extremamente desdenhosos do que acaso se faça na linha ou para além das metodologias de que alardeiam.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

Ref. 9/6

~~103~~

103

da obra em si. Esta consideração faz-se a partir da própria obra, observando como ela se estrutura nos mais diversos métodos de análise. E tendo sempre presente no espírito que não estamos à procura da personalidade do autor *senão enquanto autor*. O que ele foi pessoalmente não nos importa nada, já que não nos importaria nem importa para os contemporâneos que nada escreveram e cuja existência nos é perfeitamente indiferente. Quando tivermos destrinchado a estrutura da obra, talvez nos seja possível compreender a que justo título ela seja «clássica», se não se der o caso de ficarmos pasmados com o sobrevivência de um pastelão sem graça.

De um modo geral, estas coisas metem muito medo em Portugal. Dir-se-ia que as pessoas temem de ficar despojadas de suas razões para admirar o que admiram, para estimar o que estimam. E esta insegurança crítica não é uma das menores e menos significativas características do primarismo cultural. No fundo, não é em crítica que as pessoas estão interessadas, mas em propagar os seus gostos ou os seus interesses nem sempre confessáveis. Séculos de normatividade e de apologética que, depois do Romantismo, não foram substituídos por nada equivalentemente seguro, criaram uma espécie de espírito pragmático em que se dissolveu a capacidade de apreciação estética. Tanto e tristemente assim é, que o estrangeiro não entende, e muitas vezes com razão, por que são estimados e considerados tão grandes alguns escritores cuja celebridade é intraduzível para fora de uma linha que vai de Malgaço a Vila Real de Santo António, passando pelo Chiado e o Bairro Alto. Ora precisamente a moderna crítica deveria tranquilizar toda a gente, e mesmo os admiradores dessas celebridades — porque a moderna crítica não está interessada em julgar, mas sim em compreender. Não em impor, mas em explicar. O que evidentemente não significa que um crítico não possa ser um militante de qualquer ideologia, e não tenha o direito de condenar em nome dela. *Apenas em nome dela*, e não em nome dos critérios estéticos que não aplicou.

É evidente que quantos se utilizam da crítica para fins alheios a ela, ou porque a crítica lhes parece a contrapartida de uma fruição irresponsável, temem a objectividade dos métodos modernos, *sobretudo quando eles forem quantificados*. A prova concreta de que um poeta pode estar sendo admirado pelas razões erradas, eis o que é coisa séria: não só desmascara a incipiência dos juízos críticos, como pode pôr a claro as causas sociológicas dessa incipiência. Que eu diga que para mim, por isto ou aquilo, um escritor não é «moderno», é uma questão de opinião. Mas que eu mostre quantitativamente as razões de ele o não ser e a maneira como o não é, por certo que é um escândalo.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

«O TEMPO E O MODO» N.º 4/39

Provas enviadas à Censura em

27

5-

1966

Ref. Af.º / Junho



sivas da arte do seu tempo, exigindo dos artistas (apesar da admiração votada a Malhoa...) que criassem menos «pela pele» e mais «pela cabeça e pelo sexo» (1906)...

Foram porém os defeitos e não as qualidades de Fialho que deram o mais famoso dos críticos da geração seguinte, de epígonos naturalistas, o Joaquim Madureira — «Brás Burit», energúmeno sem critério nem senso que encheu a crónica jornalística de ferozes perseguições aos «modernistas». Outros lhe fizeram companhia, de Hermano Neves e Artur Portela, o último sobrevivente — ou, com maior responsabilidade nas práticas reacconárias, Arnaldo Ressano Garcia, ainda em 40, ou Agostinho Veloso, ainda em 60.

Contra esta crítica a-histórica, que se foi dissolvendo em absurdo e só falta de instrução do público permitia, a pouco e pouco se definiu uma crítica progressiva, de companheiros das sucessivas gerações modernas. Jornalistas, como Vitor Falcão, Luís Teixeira (e António Ferro), cedo tomaram a sua defesa — mas o primeiro crítico que se afirmou com uma problemática moderna foi, no princípio dos anos 30 (no semanário Fradique), e embora por curto prazo, António Pedro-«Cristóvão», que já então propunha valores do imaginário contra a prudência figurativa da sua própria geração.

Nos princípios dos anos 40, Adriano de Gusmão definir-se-ia como um crítico de transição entre valores tradicionais e modernos — que, em certa medida formal, viriam a ser exigidos, mais polêmicamente, pela geração neo-realista seguinte, então principalmente defendidos por Mário Dionísio

O quinzenário Horizonte (1946-47), especialmente consagrada às artes figurativas, exprimiu eclêticamente essa situação, com grande falta de método e de colaboradores. Logo a seguir, porém, um movimento surrealista, gerando uma nova fase da arte moderna portuguesa, marcaria o começo de maiores responsabilidades duma crítica chamada a intervir na formação de padrões mentais e sociais que, na medida do possível, participassem numa nova cultura ocidental, exigida ao longo dos anos 50-60.

Muito poucos também, desde então, foram os críticos à altura da missão que lhes era pedida, continuando a improvisar-se amadoristicamente, sob a ilusão duma informação mais corrente, mas sem verdadeiro estudo da problemática da crítica, da sua metodologia, sem disciplina profissional e, salvo raríssimas excepções, com minguada consciência cultural. A esta falta de seriedade (e de quantidade: veja-se a concorrência mínima aos prémios de crítica da Fundação Gulbenkian

AUTORIZADO COM CORTES (SÉDE)

«O TEMPO E O MODO» N.º 37
Provas enviadas à Censura em
25 de 5



LUÍS FRANCISCO REBELLO

CRÍTICA — OU TALVEZ NÃO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM CORTES

«Coisa que toda a gente sabe e ninguém quer confessar, é que não existe crítica teatral em Portugal. Lisboa pelo menos não a tem, e, visto a capital neste assunto dar o exemplo às outras cidades, julgamos não ser injusto em aplicar a todo o país o que para Lisboa é coisa admitida.»

Estas palavras, que poderiam ter sido escritas hoje, foram-no contudo há pouco menos de um século. Por elas começa um opúsculo de 44 páginas, que um obscuro empresário e autor dramático, Carl Busch, publicou em Lisboa no ano de 1870, intitulado precisamente Da Crítica Teatral em Portugal. E não digo apenas que elas sejam, agora, tão actuais como na época em que foram escritas: direi mesmo que elas se adaptam com maior propriedade à presente situação do nosso teatro, porque, se o teatro português atravessava em 1970 um período de crise, hesitando entre um seródio romantismo e um naturalismo ainda imaturo, que mutuamente se contaminavam, não há dúvida de que nos últimos tempos essa crise, motivada embora por outras causas e apresentando outros sintomas, tem vindo a agravar-se de maneira alarmante. Como não haveria pois a crítica de necessariamente reflectir esse estado de coisas, uma vez que se exerce sobre a matéria viva e palpitante da realidade teatral de um lugar e um momento dados? Mas a questão tem ainda outro aspecto, e esse bem mais importante, qual seja o da possível influência da crítica sobre esse mesmo estado de coisas. A ambos me hei-de referir neste breve apontamento.

Ao contrário do que se verifica em relação à crítica literária, onde é relativamente fácil reconduzir a duas ou três linhas de força as tendências predominantes, a crítica teatral que entre nós se pratica não obedece a qualquer estruturação, não se integra num corpo doutrinal que autorize o falar-se, com um mínimo de plausibilidade, de tendências a seu respeito. É, na maior parte dos casos, uma actividade puramente puramente noticiosa e informativa a que os críticos dos nossos jornais diários, por força das circunstâncias, exercem. Nem outra coisa, aliás, se lhes poderia exigir, constrangidos a alinhar precipitadamente em uma ou duas horas, com a tipografia à espera do original, as im-



pressões suscitadas pelo espectáculo a que acabam de assistir, Notícias ou (na melhor hipótese) impressões, e neste último caso mais ou menos dignas de crédito consoante a formação e a preparação cultural do crítico, é tudo o que nessas condições lhes é dado escrever — nunca juízos, que pressupõem reflexão e meditação dos problemas propostos não só pela peça pròpriamente dita como ainda (e isto é fundamental!) pela sua realização cénica. Eis porque só uma excessiva boa vontade permite que a seu respeito se empregue a palavra crítica: esta tem outras exigências incompatíveis com o condicionalismo descrito. Com alguma ironia, mas sobretudo com uma dolorosa consciência dessas limitações, um crítico ilustre, falecido há poucos anos, intitulava-se a si próprio «cronista do Torel teatral». Podia dizê-lo, com uma autoridade que jalece a muitos que se arrogam o exercício de um magistério crítico e que nem como discípulos são toleráveis.

Aquela tirania escapam, em parte, os que têm a seu cargo a secção de crítica teatral nas revistas e jornais literários. Mas estes, salvo muito reduzidas excepções, atendem mais (quando não atendem exclusivamente) aos valores textuais do que aos valores cénicos: são, alguns deles, excelentes cometadores e intérpretes da obra literária que a peça representada é na sua origem, mas aí se detêm. Dir-se-ia que uma espécie de preconceito literário os inibe de assumir o teatro na sua totalidade, levando-os a isolar um dos seus aspectos (fundamental, conceda-se: mas não o único); e ou se limitam a analisá-lo ou analisam os restantes em função dele. A específica autonomia da obra teatral perde-se invariavelmente, assim, nos seus artigos. Como se de Aristóteles para Gordon Craig a estética do teatro não houvesse evoluído...

Mercê das circunstâncias — entenda-se aqui por circunstâncias os termos anormais em que se processa a vida teatral portuguesa — a crítica (emprego o termo agora na sua mais rigorosa acepção) raramente se ergue acima da mediocridade ambiente. Releiam-se os quatro volumes em que Eduardo Scarlatti — esm dúvida nenhuma, entre nós, o expoente mais alto da crítica dramática neste século — reuniu os artigos publicados no Diabo entre 1934 e 37: exceptuando os ensaios que não têm como ponto de partida a realidade teatral imediata, só excepcionalmente os espectáculos criticados, pela sua confrangedora falta de nível, lhe permitiram abordar problemas vitais da dramaturgia contemporânea.

Se — como disse o mesmo Scarlatti, numa notável comunicação apresentada ao Congresso Internacional da Crítica, reunido em Lisboa

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM
CORTES

Ref. Maio

COMO ISTO CAMINHA!...

Toda a gente pede aumento de ordenados devido ao crescimento dos géneros de primeira necessidade subirem constantemente a toda a hora e a todos os momentos.

Mas ninguém pede um nível de vida que venha remediar tudo e todos, assim é que nós desejaríamos ver realizado e não o aumento de ordenados que nada traz de positivo para os que trabalham dia a dia, e nem resolve o problema tão intrincado ele se encontra.

Aumento de ordenados, logo a subida de tudo que é necessário à vida porque os que vendem também são afectados no referido custo da mesma.

Nível de vida baixo a todos remediaria e estava ao alcance de todas as bolsas.

Assim estavam todos contentes e não haveria a lamúria da vida cara!...

Ecos de Estremoz, 10-4-966

NÃO VIRÁ MAL?

Lemos que uma empresa norte-americana adquiriu enorme área de terreno no distrito de Setúbal.

Um técnico português foi já incumbido da elaboração do respectivo projecto de urbanização. Esse técnico ganhará 150 contos por cada hectare que o projecto abranja.

Isto, que parece não ser caso virgem no nosso país, não nos acarretará algum mal?

A Rabeca, 31-3-966

ORGULHO E PRECONCEITO

Portugal deve gostar de saber o que se passa no país vizinho. Deve orgulhar-se da obra incomensurável que está sendo operada por «nuestros hermanos», num esforço heróico, sob a égide do Caudilho, esse eminente vulto, lendário e histórico. E deve orgulhar-se porque a Espanha, além de amiga, é afim nas origens; dir-se-ia duas na-



O TEMPO É O MODO N. 38
PÁG. ENVIADAS A CENS.

25 5

1966

25 de maio



que estão sempre a perguntar por ti e um beijo saudoso desta tua mulher que muito te estima.

Clara

ESTRATEGIA EUROPEU

Do discurso de dr. António Champalimaud na Assembleia Geral da Siderurgia Portuguesa:

Além de servir ao desembarque de carvões, destinados não só à Siderurgia mas também a outras indústrias situadas em ambas as margens do Estuário, e à carga dos «pellets» de Moncorvo destinados a exportações transatlânticas — já que as de destino europeu deverão encontrar melhor saída por Leixões — e de outros minérios oriundos do Sul, o novo pãorto seria factor decisivo de desenvolvimento da chamada península de Setúbal, onde, com a CUF há um século, a Siderurgia agora, e os Estaleiros e a Ponte sobre o Tejo amanhã, se lançaram as bases do que poderá vir a ser o maior e mais bem localizado centro industrial da Península Ibérica, à luz de uma estratégia europeia.»

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

O Primeiro de Janeiro, 29-4-966

«DENTRO DO TEMPLO...» OU CRISTO SOLDADO

A velha capela da Mouraria, onde se venera a imagem da Nossa Senhora da Saúde, foi ontem visitada, ao fim da tarde, pelo Chefe do Estado, que estava acompanhado do seu ajudante as ordens. Esta visita, que é já tradicional, precede, anualmente, a saída da procissão, marcada para domingo, e que percorrerá as ruas da baixa lisboeta, num trajecto que foi sensivelmente alterado, em consequência das obras do metropolitano, na Avenida de Almirante Reis.

A receber o supremo magistrado da Nação estavam o provedor e o vice-provedor da irmandade de Nossa Senhora da Saúde e de S. Sebastião, com outros componentes da

NOTA: O tempo de entrega...

Exemplares enviados à Comissão em

25 de Maio de 1966

Ref. maic



Livros recebidos na Redacção

Título: A Energia do Átomo.
Género: Divulgação científica.
Colecção: BA B — Secção IV — Ciências puras e aplicadas.
Autor: K. Gladkov.
Tradutor: Maria Ondina Braga.
Páginas: 346.
Editor: Arcádia.

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES

~~Título: Um Realismo sem Fronteiras.
Género: Ensaio.
Colecção: Vector.
Autor: Roger Garaudy.
Tradutor: Rui Mourato.
Prefácio: Alexandre Pinheiro Torres.
Páginas: 231.
Editor: Publicações Dom Quixote.~~

Título: Noite Recuperada.
Género: Contos.
Colecção: «H».
Autor: Nelson de Matos.
Páginas: 144.
Editor: Publicações Dom Quixote.

Título: Noite Rendada.
Género: Contos.
Colecção: Ficção-108.
Autor: António Borja.
Páginas: 148.
Editor: Início.

Título: Pelé na América.
Género: Literatura infantil.
Colecção: Infantil.
Autor: Gösta Knutsson.
Páginas: 119.
Editor: Publicações Dom Quixote.